

O fotógrafo e a construção da imagem

Ensaio fotográfico de William Costa

Diferentemente das teleobjetivas, múltiplas sensações são possíveis fotografando pessoas com objetivas de curta distância focal (28mm, 50mm). O olhar dirigido a elas obriga ao corpo a corpo, em frações de segundos uma mudança química ocorre. E o que vai acontecer no momento do “clic” foge ao controle do fotógrafo. Esse processo leva a perguntas e descobertas. A construção dessas imagens induz à busca de uma linguagem, e a divagar sobre a imagem de mim mesmo, fotógrafo.

Álbum de família

Acajatuba, comunidade ribeirinha do Alto Rio Negro, 60km ao norte de Manaus. De longe se avista uma fileira de casas quase geminadas, a igreja, um campo de futebol.

Cheguei à comunidade sob o sol do meio-dia de domingo e aproximei-me das casas que avistara do rio. O cômodo de visitas, as cores, os objetos, sua disposição no espaço; pela janela, vi por dentro, casas da floresta banhadas de sentidos e símbolos urbanos; pensando no seu significado, contemplava as imagens, sem fazer fotografias. Que sentido teria o ato fotográfico naquele momento? Que imagem enigmática era essa que se visualizava pela janela? Caberia a mim decifrá-la ou construí-la? Perguntas, olhares.

De modo quase lúdico, expus aos ribeirinhos meu olhar fotográfico, uma espécie de álbum de família, pela imagem que se projetara através da janela. E assim as fotografias foram acontecendo, impulsionadas por um desejo coletivo. Através da janela, com a câmera no tripé, duas seqüências de “clics”, quatroavos de segundos, e estava registrado o momento: crianças e adultos, poses “autênticas” e ordem

aleatória, em um colorido desprovido de bens materiais; o cotidiano sem maquiagem. E o álbum de família era um fato que se concretizava.

Crianças das Águas Amazônicas

Os maiores rios do mundo e a maior população indígena do país concentram-se no Estado do Amazonas. Percorri esses rios visitando duas comunidades indígenas: *Sateré-Maué*, à margem do *Rio Andirá*, divisa dos Estados do Pará e Amazonas, e *Ticuna*, à margem do *Rio Jutai*, próximo da fronteira entre Peru e Colômbia.

Durante a permanência nas aldeias pude fotografar os instantes em que nos olhávamos ou desviávamos o olhar, percebendo nossas diferenças. As comunidades indígenas aceitaram esse olhar, descomprometido com imagens etnográficas ou antropológicas.

Retratos instantâneos são o resultado dessa convivência em diferentes situações de tempo, cor e luz. Crianças *Ticuna* e *Sateré-Maué* não falam nossa língua, não sonham como a gente. São das Águas Amazônicas.

William Costa*

* William Costa é fotógrafo desde 1987. Cursou em Paris a Societé Française de Photographie, foi fotógrafo da Secretaria de Ação Social de Lisboa e fundador do Núcleo de Fotografia de Manaus. Ministrou cursos de fotografia no SENAC e no SESC da capital e do interior do Estado de São Paulo. Participou de diversas exposições coletivas e individuais, destacando-se o premiado trabalho fotográfico "Tormento", no Centro Cultural São Paulo (1991). Realizou vasto trabalho documental sobre os povos indígenas da Região Amazônica, que resultou na exposição "Crianças das Águas Amazônicas" (Campinas, SP). Desenvolve projetos sociais e oficinas culturais de fotografia em escolas de ensino fundamental e centros culturais de Campinas e região.



Rua, Campinas, 6: 115-124, 2000





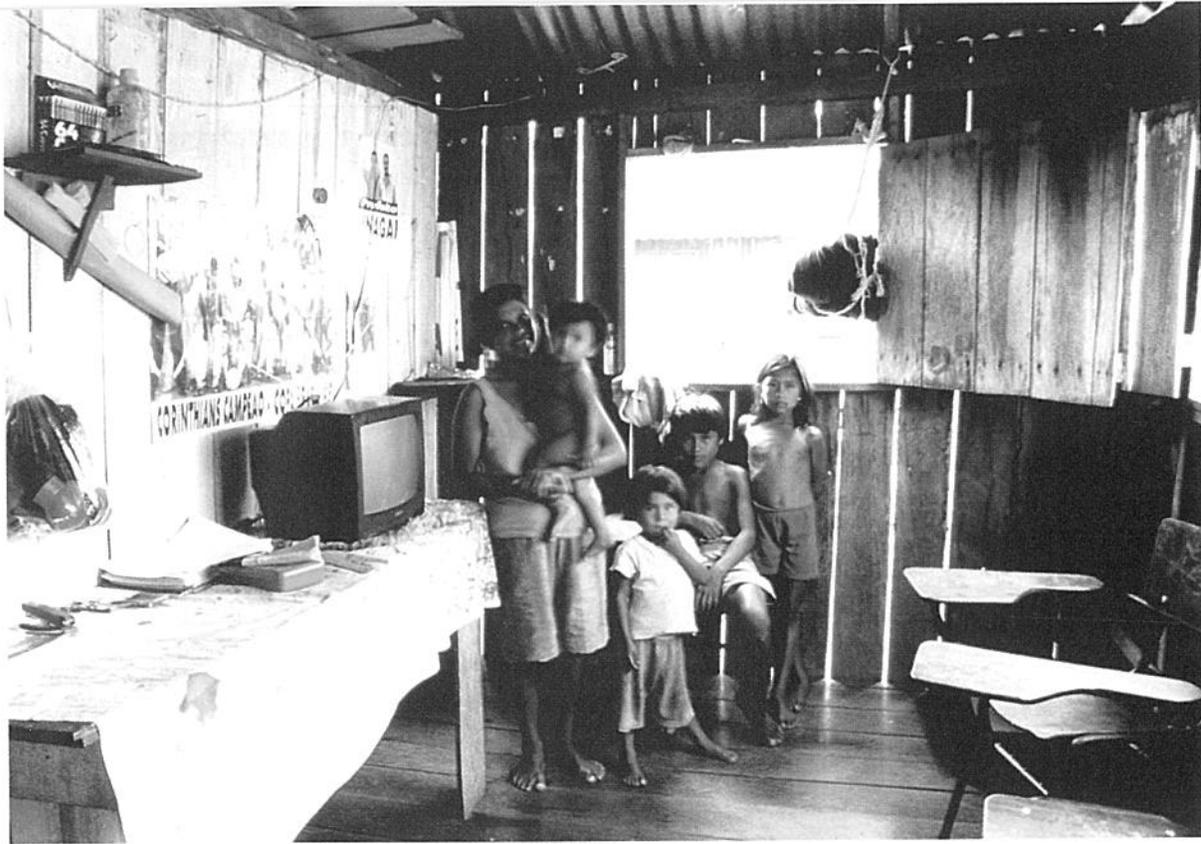
Rua, Campinas, 6: 115-124, 2000



Rua, Campinas, 6: 115-124, 2000









Rua, Campinas, 6: 115-124, 2000